

Estudo e ensino da África na Universidade de São Paulo: atuação do Centro de Estudos Africanos e do professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão

*Kabengele Munanga**

O presente texto foi construído com base no registro dos relatórios de atividades de 43 anos da existência do CEA. Ele traz fragmentos de sua história e o papel desempenhado pelos protagonistas fundadores, assim como rememora os nomes de personagens que por ele passaram: professores, estudantes bolsistas e outros. Coloca em evidência a importante atuação que teve “nosso” homenageado em todas as fases e momentos críticos da implantação do ensino e estudo da África na Universidade de São Paulo.

Com efeito, o projeto que deu origem ao Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo nasceu em 1962 a partir de um círculo de conferências sobre África, patrocinado pelo então Centro Universitário de Pesquisas e Estudos Sociais. Em decorrência dessas conferências, um grupo de professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, com a adesão de alguns raros alunos bolsistas africanos no Brasil e de professores de outras áreas resolveu dinamizar os estudos sobre África na Universidade de São Paulo. Em 1963, eles fundam o Centro de Estudos de Cultura Africana – CECA – uma entidade privada sem fins lucrativos, que ficou provisoriamente sediada nas dependências da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São

* Professor-Titular, Universidade de São Paulo.
Ex-diretor do Centro de Estudos Africanos da USP.

Paulo, enquanto estava sendo elaborado seu estatuto legal. Em 31 de agosto de 1965, o CECA recebeu então seu registro legal no 3º. Cartório de Registro de Títulos e Documentos da capital paulista. A partir da decisão do Conselho Técnico Administrativo e do diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, ele foi autorizado, já que se tratava de uma entidade privada, a funcionar junto à Cadeira de Sociologia II dessa Faculdade. Professores e pesquisadores de diversas áreas afins interessados em estudar a África integraram o CECA, notadamente a Sociologia, Antropologia, Economia, Política, História, Geografia, Linguística e Literatura, tendo como objetivos fundamentais promover e incentivar a difusão da cultura africana através de encontros, cursos, publicações e intercâmbios.

Apesar da escassez de recursos financeiros, o CECA conseguiu graças à dedicação de alguns professores e da ajuda da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP –, atingir alguns de seus objetivos. Assim, no decorrer de 1966, foi contratado o professor Fernando Monteiro de Castro Soromenho para ministrar o curso *Introdução à Sociologia da África Negra*, que foi o primeiro curso sobre a África ministrado na Universidade de São Paulo (USP). O crescimento do interesse por parte de outros departamentos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (doravante FFCL da USP), tais como a Geografia, a História, etc. em oferecer cursos sobre a África levou a mudar o foco demasiadamente centrado sobre a cultura africana. Assim, em 19 de novembro de 1968, foi proposta a criação do Centro de Estudos Africanos – o CEA – em substituição ao CECA que, além de ser uma entidade privada, focava mais a cultura do que outros aspectos das realidades africanas. Mas bem antes da tramitação burocrática para a criação formal do CEA, uma sólida estruturação visando à concretização de seus objetivos já tinha sido montada. Ela compreendia além da diretoria, um conselho plenário, uma divisão em áreas de pesquisa, cursos, publicações, conferências e uma biblioteca, entre outros. A primeira diretoria foi composta dos professores Ruy Galvão de Andrade Coelho, seu diretor; Fernando Augusto Albuquerque Mourão, seu secretário e do professor Paul Etamé Ewané, seu tesoureiro. Evidentemente, acima da diretoria enquanto órgão executivo funcionava um Conselho Plenário com poderes deliberativos sobre as atividades do CEA.

Esse conselho, de conteúdo interdisciplinar, foi integrado por professores, pesquisadores e personalidades de diversas áreas da USP e de fora. Embora todos

não estudassem a África, eles deram seu apoio ao futuro desenvolvimento da área africanista na Universidade de São Paulo. Para conservar a memória histórica do CEA, os nomes desses conselheiros precisam ser lembrados. Foram eles:

- Alfredo de Moraes Filho, vice-almirante da Marinha de Guerra;
- Antônio Cândido de Mello e Souza, professor de Teoria da literatura da FFCL da USP;
- Antônio Soares Amora, professor catedrático da Cadeira de Literatura Portuguesa da FFCL da USP;
- Aziz Simão, professor livre-docente da Cadeira de Sociologia II da FFCL da USP;
- Darcy Silva, licenciada em Ciências Sociais pela FFCL da USP.
- Dirceu Lino de Mattos, professor catedrático da Geografia Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (FCEA)) da USP;
- Diva Benevides Pinto, professora livre-docente de Economia Política da FCEA da USP;
- Eduardo Portela, professor de Literatura Brasileira da Universidade de Federal do Rio de Janeiro;
- Egon Schaden, professor catedrático da Cadeira de Antropologia da FFCL da USP;
- Erasmo de Almeida Magalhães, assistente de Língua Indígena do Brasil da FFCL da USP;
- Eurípidés Simões de Paula, professor catedrático da Cadeira de História Antiga da FFCL da USP;
- Eva Alteman Blay, instrutora da Cadeira de Sociologia II da FFCL da USP;
- Fernando Augusto Albuquerque Mourão, professor assistente da Cadeira de Economia I da FCEA de Osasco e da Cadeira de Sociologia II da FFLC da USP;

- Florestan Fernandes, professor catedrático da Cadeira de Sociologia I da FFCL da USP;
- Gioconda Mussulini, assistente da Cadeira de Antropologia da FFCL da USP;
- João Baptista Borges Pereira, professor livre-docente da Cadeira de Antropologia da FFCL da USP;
- José Francisco Camargo, professor catedrático da Cadeira de Política Econômica da FCEA/USP;
- José Manuel dos Anjos Soares Quedes, livreiro da FFCL– USP;
- Jurn Jacob Philipson, assistente da Cadeira de Línguas Indígenas do Brasil da FFCL da USP;
- Léia Freitas Garcia, instrutora da Cadeira de Sociologia II da FFCL da USP;
- Lino Teixeira, professor catedrático da Cadeira de História da Filosofia da FFCL da USP;
- Maria Isaura Pereira de Queiroz, professora livre-docente da Cadeira de Sociologia II da Faculdade de FFCL da USP;
- Oliveiros da Silva Ferreira, assistente da Cadeira de Política da FFCL da USP;
- Pasquale Petrone, professor livre-docente da Cadeira de Geografia Humana da FFCL da USP;
- Paul Etamé Ewané, diplomado em Direito pela Universidade de Dakar e em Ciências Políticas pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo;
- Poullete Berger, Licenciada em Ciências Sociais pela FFCL da USP;
- Reinaldo Aziz Sobrinho, instrutor da Cadeira de Economia Política da USP;
- Ruy Galvão de Andrade Coelho, professor catedrático da Cadeira de Sociologia II da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP;

- Sarah Fassa, licenciada em Ciências Sociais pela FFCL da USP;
- Ulpiano Bezerra de Menezes, professor de Arqueologia e diretor do Museu de Arte e Arqueologia da USP;
- Wladimir Pereira, professor assistente da Cadeira de Economia Política da FFCL da USP;
- Yara de Oliveira, bacharel em História da FFCL da USP;
- Eduardo de Oliveira e Oliveira, pós-graduando da FFCL da USP.

Alguns cursos foram institucionalizados e oferecidos entre 1966 e 1968, começando com o curso tronco *Introdução à Sociologia da África Negra*, a cargo do professor Castro Soromenho, ministrado no 1º Semestre de 1966; *A formação do Estado Lunda*, ministrado nos 2 semestres de 1966 pelo mesmo professor. A partir de 1967, foi oferecido anualmente em caráter optativo para os alunos de 3º e 4º ano de Ciências Sociais, História e Geografia da USP, o curso *A Formação da sociedade angolana ao longo de quatro séculos*, sob a responsabilidade do professor Castro Soromenho e o curso de *Língua Duala*, sob a responsabilidade do professor Paul Etamé Ewané. Em 1968, também sob a responsabilidade do professor Castro Soromenho, uma disciplina anual optativa intitulada *Sociologia da África Negra*, foi oferecida para alunos do 3º e 4º ano de Ciências Sociais, História e Geografia. No mesmo ano de 1968, o Centro de Estudos africanos ainda em formação sofre uma grande perda devido à morte repentina do seu primeiro professor, Castro Soromenho. Em virtude desse falecimento, a disciplina *Sociologia da África Negra*, passou a ser ministrado em parceria pelos professores Ruy Galvão de Andrade Coelho, Fernando A. A. Mourão e Paul Etamé Ewané.

Além dos cursos, uma série de palestras e conferências visando sempre o fortalecimento do projeto em construção e a divulgação da África na USP e no Brasil foram realizadas no decorrer dos três anos de 1966, 1967 e 1968. Atividades essas que contaram com a participação de professores da FFCL da USP e de convidados de fora, entre eles Florestan Fernandes (*O negro no Brasil*); Ruy Galvão de Andrade Coelho (*O Negro no Caribe*); Fernando A.A. Mourão (*Introdução à Economia Africana*); Victor Ress de Gouveia, da FIESP-CIESP (*O Brasil e os Mercados Africanos*); Vincent Monteil do Instituto Fundamental da África Negra – IFAN – de Dakar (*O Islão na África – Os muçulmanos negros nos Estados Unidos da América*); Igor de Garine da

FAO em Roma e do CNRS em Paris (*Populações do Norte do Cameroun e do Tchad*); Diva Benevides Pinho da FFCL da USP (*Relato de uma viagem à África*); Antônio de Almeida, da Universidade Técnica de Lisboa (*Os Bosquímanos do Sul de Angola*); Henry Senghor, Embaixador do Senegal no Rio de Janeiro (*A África à procura do equilíbrio*).

Paralelamente a esses esforços estava também em andamento a construção de uma biblioteca própria especializada em África e um levantamento sistemático das obras e revistas sobre a África existentes nas bibliotecas nacionais e universitárias do país, com a finalidade de facilitar os trabalhos dos professores e dos pesquisadores e estudiosos brasileiros da África.

Até novembro de 1968, a estrutura do CEA, embora informal, já estava pronta e em funcionamento. Faltava-lhe apenas a formalização e a legalização. Foi assim que, em 19 de novembro de 1968, o professor Ruy Galvão de Andrade Coelho, catedrático da Cadeira de Sociologia II da FFCL da USP e diretor informal do CEA, encaminhou um pedido ao professor Eurípedes Simões de Paula, diretor da FFCL da USP, para que submetesse ao Conselho Técnico Administrativo (CTA) e à Congregação da FFCL, o projeto de regulamento do CEA, que congregará os professores da FFCL, assim como os da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas. Na justificativa, o professor Ruy G. A. Coelho evocou a longa tradição de estudos sobre civilizações africanas no Brasil na linha de pesquisas de Roger Bastides e seu discípulo Florestan Fernandes e seus assistentes Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso e Renato Jardim Moreira, entre outros; seus próprios estudos sobre os Caraíbas negros; os trabalhos de João Baptista Borges Pereira da Cadeira da Antropologia, etc. Apesar de honrosos esforços do Centro de Estudos de Cultura Africana (CECA), uma entidade de caráter privado que bastante produziu entre 1966-1969, era preciso criar um centro que pudesse institucionalmente realizar a integração de vários especialistas que trabalhassem em campos afins para se evitar um esfacelamento dos estudos sobre a África na Universidade de São Paulo.

O pedido foi atendido positivamente pelo CTA e pela Congregação da FFCL, assim como pelo Conselho Universitário da Universidade de São Paulo. Em 1969, um decreto do então governador do Estado de São Paulo, O Sr. Roberto Costa de Abreu Sodré, sancionou a decisão do Conselho Universitário de São Paulo que criou o Centro de Estudos Africanos. Veja na íntegra o conteúdo do decreto:

Artigo 1º – Fica criado na Universidade de São Paulo, o Centro de Estudos Africanos.

Artigo 2º - O Centro de Estudos Africanos tem como objetivos: a) A difusão da cultura africana, através de cursos, conferências, publicações; -b) Estudar as influências africanas no Brasil; -c) Favorecer a coletas de campo; -d) Organizar, orientar e patrocinar pesquisas; -e) patrocinar publicações de caráter informativo, cultural e didático; -f) manter intercâmbios com instituições congêneres, nacionais e estrangeiras; -g) Realizar encontros com o objetivo de estudar e divulgar a cultura africana; -h) manter uma biblioteca especializada; -i) Incentivar os estudos africanos no âmbito da Universidade de São Paulo.

Parágrafo único – Para a efetivação de seus trabalhos, o Centro de Estudos Africanos além de trabalhos próprios a realizar por intermédios de seus pesquisadores poderá realizar convênios, obedecendo às normas e tramitação normal, com entidades públicas e particulares nacionais e estrangeiras, realizar acordos com órgãos da Universidade de São Paulo, no espírito da alínea i deste artigo.

Artigo 3º – São corpos gerentes do centro de Estudos Africanos: 1) O Conselho Administrativo e 2) A Diretoria.

Artigo 4º – O Conselho Administrativo é integrado pelas seguintes entidades: Cadeira de Sociologia II; Cadeira de Sociologia I; Cadeira de Antropologia; Cadeira de Política; Cadeira de Economia Política; Cadeira de História Antiga e Medieval; Geografia Humana e Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas; Cadeira de Línguas Indígenas do Brasil; Cadeira de Literatura Portuguesa; Geografia Física do Brasil; Museu de Artes e Arqueologia; Cadeira de Geografia Humana.

Artigo 5º – O Conselho Administrativo que obrigatoriamente deverá reunir-se, no mínimo uma vez por ano, elege a Diretoria pelo período de três anos.

Artigo 6º – A diretoria do Centro de Estudos Africanos é composta por um diretor e dois vice-diretores.

Parágrafo 1º: Cabe ao diretor representar o CEA em juiz e fora dele, e em relação com terceiros.

Parágrafo 2º – Cabe ao diretor, dividir as tarefas administrativas do Centro de Estudos Africanos Com os Vice-Diretores.

Parágrafo 3º – Na ausência do diretor pode assumir a Diretoria, o Primeiro-Vice-diretor e na falta deste, o Segundo-Vice-diretor.

Artigo 7º – O Centro de Estudos Africanos será mantido com: a) as doações orçamentárias que lhe forem destinadas - b) doações, subvenções e legados que forem concedidos à Universidade de São Paulo com a cláusula de aplicação no Centro de Estudos Africanos.

Artigo 8º – O Centro de Estudos Africanos terá sob sua guarda e administração a parcela do patrimônio da Universidade de São Paulo que lhe for destinada.

Embora aprovado e oficialmente criado em 1969, o CEA não pode relançar imediata e intensamente suas atividades por dois fatores. Em primeiro, o Novo Regimento da Universidade de São Paulo que iria futuramente regular o funcionamento e enquadramento de todos os órgãos da USP, inclusive os centros, estava em tramitação para aprovação; em segundo lugar, a morte repentina do professor Castro Soromenho veio interromper o programa dos cursos sobre África que se vinha desenvolvendo desde 1966, acrescentando-se a essa perda a volta para Camarões em 1969, do professor voluntário Paul Etamé Ewané. Em função desses fatores, a Diretoria do CEA decidiu suspender os cursos até que fossem cumpridas mínimas condições infraestruturais. Assim, não se poderia pensar em oferecer cursos enquanto não se dispusesse de um levantamento das obras sobre África disponíveis nas bibliotecas de São Paulo, da assinatura de algumas revistas, de uma biblioteca mínima e de boas indicações bibliográficas. Recomendou o professor Miguel Reale, então Reitor da Universidade de São Paulo, para que se mantivesse a situação atual do CEA até a vigência do Regimento Geral de 23 de julho de 1970 (Processo Reitoria nº 11142/69 e Processo FFLCH nº 1557/69).

Equacionados os problemas acima aludidos, o processo de consolidação do CEA iniciado em 1971 perseguiu ainda a fase de implantação no decorrer

de 1972. A biblioteca, beneficiada pelas compras e doações de alguns textos fundamentais já oferecia as mínimas condições para atender à demanda dos cursos de Sociologia da África Negra. Foi realizado um levantamento das obras e revistas sobre a África existentes nas várias bibliotecas da USP, principalmente no campo das Ciências Humanas, visando facilitar a pesquisa e o ensino sobre a África. Assim reunidas essas condições, o CEA começou ininterruptamente a oferecer os cursos de Graduação e Pós-graduação sobre a África a partir de 1972, como em seguida exemplificado:

Disciplinas de Graduação

Disciplinas	Período	Ano	Depto.	Sem.
Sociologia da África Negra 1972-1973-1974	Diurno/Noturno	1972/1973/1974	Ciências Sociais	1º.
História da Ásia e da África	Diurno/Noturno	1972/1973/1974	História	1º.
Os Movimentos de Emancipação na África Negra	Diurno/Noturno	1973	História	1º.
O Mundo tropical	Diurno/Noturno	1973/1974	Geografia	1º.

Disciplinas de Pós-Graduação

Disciplinas	Período	Ano	Depto.	Sem.
Sociologia da África Negra	Diurno	1972/1973	Ciências Sociais	2º.
Antropologia da África Negra	Diurno	1972	Ciências Sociais	2º.
O Maghreb até o Islão	Diurno	1973	História	2º.
Instituições Políticas na África Negra	Diurno	1974	Ciências Sociais	2º.
Poder e Política na África Negra	Diurno	1974	Ciências Sociais	2º.

Uma série de pesquisas em andamento, algumas começadas na vigência do CECA (1963-1968) e a maioria incentivada pela criação do CEA (1969) se destacam. Essas pesquisas visam ora a realização de dissertações

de mestrado e teses de doutoramento sobre a África, ora publicações não acadêmicas capazes de oferecer ao leitor em geral um olhar científico-intelectual brasileiro da África.

No mesmo ano de 1973, alguns conferencistas africanos foram convidados para fortalecer o processo de introdução dos cursos e pesquisas sobre África na Universidade de São Paulo. Notadamente o professor Seydou Madani Sy, Reitor da Universidade de Dakar, que proferiu uma conferência sobre o tema “O exercício do poder na África negra”; o Embaixador Seydou Diarra, da Costa do Marfim, que discorreu sobre “A política do desenvolvimento econômico da Costa do Marfim após a independência”. Visando sempre as melhores condições de pesquisa e de ensino sobre a África, o CEA lançou-se intensamente no processo de aquisição dos títulos fundamentais para os cursos de graduação e de pós-graduação, de melhores e mais completas bibliografias sobre o continente. Para o melhor aproveitamento das obras sobre África nas bibliotecas da USP e da cidade de São Paulo como a municipal “Mário de Andrade”, o CEA em colaboração com a Coordenadoria de Atividades Culturais da USP – CODAC/USP – e dos Professores Carlos H. M. Serrano e Fernando A. A. Mourão, elaborou um catálogo dessas obras por assuntos e autores, visando sempre facilitar o trabalho dos presentes e futuros pesquisadores da África no Brasil. Um projeto não concretizado de intercâmbio de obras e documentos entre o CEA e o Instituto Fundamental da África Negra (IFAN) em Dakar, levou a Professora Maria Luiza Monteiro da Cunha a viajar para Dakar para visitar as bibliotecas daquela instituição. Uma coleção de diapositivos em preto e branco, relacionadas com a arte, geografia e história da África foi também constituída como recursos audiovisuais auxiliares.

Um intercâmbio internacional entre o CEA e as instituições universitárias africanas se intensifica principalmente a partir de 1973, começando com a visita do Reitor Seydou Madani Sy da Universidade de Dakar, à USP e de entendimentos com a Universidade de Abidjan, na Costa do Marfim.

Em reciprocidade, o CEA foi convidado em janeiro de 1974, a participar do Colóquio sobre “Negritude e América Latina”, organizado pela Universidade de Dakar, e, em 1975, a participar do II Festival Mundial das Artes e Cultura Negra, na Nigéria.

No âmbito da USP, o Centro de Estudos Africanos contou desde o projeto de sua criação com o apoio formal dos Reitores Miguel Reale, que em seu discurso “Quatro Anos de Retórica”, colocou em destaque a área de

estudos africanos e as relações com a África, Orlando Marques de Paiva e seu chefe de Gabinete, o professor José Roberto Franco da Fonseca, professor da Faculdade de Direito da USP; do professor Vicente Marotta Rangel, Coordenador da CODAC – Coordenadoria de Atividades Culturais da USP, professor da Faculdade de Direito da USP; dos ex-diretores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em especial os professores Eurípides Simão de Paula e Ruy Galvão de Andrade Coelho, João Baptista Borges Pereira e dos demais diretores que se sucederam na direção da FFLCH; do professor Aziz Simão, Chefe do Departamento de Ciências Sociais da FFLCH. No plano externo da USP, devemos destacar os apoios do Ministério das Relações Exteriores do Brasil – MRE, através dos embaixadores Wladimir Murtinho e Fernando Simas Magalhães; do Conselheiro Rubens Ricúpero e do Secretário Genaro Mucciolo.

Em 1974, o Centro de Estudos Africanos, fiel ao seu objetivo principal, ou seja, divulgar e contribuir para o conhecimento dos países africanos ao nível da Universidade, em cooperação com Departamentos, Institutos e Faculdades, consolida a fase de implantação dos estudos africanos na USP. Assim amplia a lista das disciplinas de Graduação e Pós-Graduação oferecidas desde 1972 nos departamentos de Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas), História, Geografia, Letras Clássicas e Vernáculas. Através do CEA, outros institutos ou Escolas passaram a cooperar através de projetos de intercâmbio com os países africanos. Foi o caso do Setor de Sedimentologia do Instituto de Geociências; do Museu de Arqueologia e Etnologia; dos departamentos de História, Geografia, Linguística e Línguas Orientais da FFLCH; Instituto Oceanográfico; Setor de Parasitologia do Instituto de Ciências Bioquímicas, etc.

Nesse mesmo ano, o Ministério das Relações Exteriores aceitou a indicação do professor José Marianno Carneiro da Cunha, do Departamento de Ciências Sociais da USP, mas com exercício no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, para o cargo de Leitor Brasileiro na Universidade de Ifé, na Nigéria.

Em decorrência de viagens efetuadas em várias universidades africanas, pelo então Vice-diretor do CEA, professor Fernando A. A. Mourão, em 1973, para estabelecer relações de cooperação e intercâmbios entre a USP e essas universidades, começaram a chegar à USP para fazer os cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) os primeiros alunos africanos, entre eles os hoje professores: Marie-Joseph Diatta, da Universidade de Dakar (1974);

Kazadi wa Mukuna, da Universidade Nacional do ex-Zaire, atual República Democrática do Congo (1974), que foi o primeiro africano a defender sua tese na USP sob a orientação do professor Fernando Mourão em 1977; Roger Sorro, da Universidade da Costa do Marfim (1975), Kabengele Munanga, da Universidade Nacional do ex-Zaire, atual República Democrática do Congo (1975), que se doutorou também em 1977, no Departamento de Ciências Súcias (Área de concentração: Antropologia Social), sob a orientação do professor João Baptista Borges Pereira, e, ainda; Pokou Yao, engenheiro agrônomo, da Costa do Marfim, que veio para preparar um mestrado em Climatologia (1975); Yaganabe Yo, engenheiro agrônomo, da Costa do Marfim, que veio para preparar um mestrado em Zootecnia (1975); Paul Kwamé, economista, da Costa do Marfim, que veio fazer seu mestrado em Administração de Empresas na FEA-USP (1975); Paul Collins, professor da Universidade de Ifé, Nigéria que veio para realizar uma pesquisa sobre relações comerciais entre o Brasil e a Nigéria (1975). Quatro bolsistas do governo nigeriano: Augustine Ugochukwu, Caroline Ada Onwka, Donald Eyechi Ekeruche e Felicia Efidikanre, se juntaram no mesmo ano de 1975 ao grupo de pós-graduandos africanos, mas com o objetivo de consolidar seus conhecimentos em estudos da língua portuguesa e cultura brasileira, necessários para suas carreiras no ministério das relações exteriores do seu país.

No ano de 1975, o CEA recebeu convites importantes vindo do Exterior para visitar a Universidade de Argel e instituições científicas argelinas; para a reunião do *Executivo Council* do *International African Institute* em Londres; para participar da “*Troisième Session Plénaire du Comité Scientifique International pour La rédaction de l’Histoire Générale de l’Afrique, organisée par l’UNESCO à Cotonou, Bénin*”. Foi na sequência dessa reunião que o professor Fernando A. A. Mourão, sob a indicação do professor Cheikh Anta Diop, foi convidado pela UNESCO para integrar o Comitê Científico Internacional Para a História Geral da África, como representante do Brasil.

Duas visitas de professores estrangeiros no CEA se destacam em 1975: a visita do professor Gehard Kubik, da Universidade de Viena que ministrou um curso de extensão universitária sobre o tema *Origem africana na tradição cultural brasileira*, graças ao apoio do Instituto Goethe em São Paulo; do professor Georges Balandier, da Universidade de Sorbone, em Paris – graças à cooperação dos Serviços Culturais da Embaixada e do Consulado da França em São Paulo e também do apoio financeiro da FAPESP. Além de proferir

conferências e palestras, seminários e outros encontros científicos, o professor Georges Balandier se dedicou também à orientação e reorientação dos projetos de mestrado e doutorado de alunos africanos e brasileiros vinculados ao CEA. Foi o caso de Kabengele Munanga, Kazadi wa Mukuna, Carlos H. M. Serrano e Henrique Altemani de Oliveira, entre outros.

Em 1976, chegaram mais bolsistas africanos para fazer os cursos de Pós-Graduação e o curso de língua portuguesa para estrangeiros (entre os alunos do curso de português, havia diplomatas africanos que vinham estudar no Instituto Rio Branco), oferecido então pela CODAC:

- Abdelmadgi Mallem, bolsista, pós-graduação em Eletrotécnica, na Escola Politécnica da USP;
- Archie Andrews, diplomata, Gana;
- Babakar Diakhaté, bolsista, Senegal;
- Biodun Balogun (Nigéria);
- Clement Akinborewa, Nigéria;
- Charles Nortey Yebuah, Gana;
- Denis Codjo Dohou, bolsista;
- Dupe Lawanson, bolsista-prêmio do MRE, Ifé, Nigéria;
- Edward Obeng Kufuor, Diplomata, Gana;
- Emanuel Adebola, Nigéria;
- Emmanuel J.Julius, Nigéria;
- Francis Ayikwei Quaye, Bolsista, Gana, Médico, Especialização em Anestesia no Hospital das Clínicas, USP;
- Gerard Kiambi Raichena, Bolsista, Quênia;
- Henry Evan Bajungu, Uganda, Bolsista, Mestrado em Agronomia na ESALQ, USP;
- Kamarudeen Ajibola Aiemi, Nigéria, Bolsista, Curso de Português, CODAC;

- Kwasi Asante, Diplomata, Gana;
- Mallé Kassé, Bolsista – Prêmio do MRE, Universidade de Dakar;
- Narcissie Konaldo Konan, Nigéria;
- Nojeen Oladele Tijan, Nigéria;
- Ola Rewaju Adegeye, Nigéria;
- Tanoh Boutchoue Bernard, Bolsista, Costa do Marfim;
- Yusuf Bemsedele, Nigéria;
- Zoniglal Richolo, Nigéria.

Enquanto os bolsistas africanos chegavam à USP para fazer ora cursos de Pós-graduação, ora de especialização e de língua portuguesa, alguns alunos brasileiros se dirigiam para o continente africano para fazer pesquisas de campo. Foi o caso notadamente de Henrique Altemani de Oliveira, que foi fazer sua pesquisa em Alger junto à SONATRACH em preparação de sua dissertação de Mestrado *A Política Argelina do Gás e Nacionalismo* e de Caio Fábio Atadia da Motta, que estagiou em Dakar (Senegal) e em Abidjan (Costa do Marfim).

Entre 1974 e 1977, entraram na USP através dos esforços do Centro de Estudos Africanos, 78 jovens africanos, homens e mulheres. Dissertações de mestrado e teses de doutoramento desses alunos começaram a ser defendidos somente a partir de 1977. Kazadi wa Mukuna e Kabengele Munanga, ambos da Universidade Nacional do Zaire, atual República Democrática do Congo, defenderam respectivamente suas teses de doutoramento junto ao departamento de Ciências Sociais da FFLCH da USP em 1977, em Sociologia e Antropologia sobre os temas *Contribuição bantu na música popular brasileira* e *Os Basanga de Shaba (Zaire): Aspectos Socioeconômicos e Político-Religiosos*; Roger Yassoungou Soro, Pokou Yao e Yaganabe Yeo da Costa do Marfim defenderam respectivamente suas dissertações de mestrado sobre os temas *O café em São Paulo e na Costa do Marfim: um estudo comparativo*, junto ao Departamento de Geografia da FFLCH da USP; *Evolução do sistema Foliar exposto à radiação solar em três variedades de soja*, junto à ESALQ – USP; Maria Joseph Diatta do Senegal concluiu a redação de sua dissertação de mestrado sobre o tema *Mario de Andrade no Quadro do Modernismo* que foi defendida em seu país de origem, na Universidade de Dakar.

Adequando-se ao estatuto e regimento geral da USP e ao regimento da FFLCH, o CEA transformou-se desde 2002 num Centro Interdepartamental e intraunidade da FFLCH, com instalações nas dependências da referida Faculdade. Suas finalidades principais, sem exercer atividades docentes em concorrência com os departamentos que o integram, ficaram finalmente assim redefinidas: – difundir a realidade africana através de cursos, conferências, encontros e publicações; – promover e incentivar no âmbito da Universidade de São Paulo, o estudo, a pesquisa e a especialização sobre as sociedades africanas e suas problemáticas, desdobramentos e influências manifestadas no continente africano e fora dele; – favorecer, organizar, orientar e promover o desenvolvimento de pesquisas de campo no continente africano, fazendo a formação de especialistas; incentivar e promover a publicação de trabalhos científicos, didáticos e informativos concernentes ao seu campo de atividades; – manter e incentivar intercâmbios e relações científicas, acadêmicas, culturais e artísticas com instituições congêneras ou relacionadas com os objetivos do CEA, nacionais ou estrangeiras; – prestar serviços especializados de assessoria e extensão à comunidade; – estimular os órgãos públicos, através da pesquisa, assessoria e difusão de conhecimento, no sentido de que levem em conta os aspectos da realidade africana estudados pelos pesquisadores do CEA; – manter biblioteca, documentação e dados especializados sobre a África.

Para melhor atender a esses objetivos, foram criadas as seguintes áreas de trabalho e responsabilidade:

- Documentação
- Publicações e Edições
- África do Oeste
- África do Oeste II
- África do Norte I
- África do Norte II
- África Central I
- África Central II

- África Oriental
- África Austral
- África da Diáspora e afro-brasileira

Essas áreas de pesquisa geograficamente divididas prefiguram áreas de pesquisas onde poderão ser integrados pesquisadores presentes e futuros, com a preocupação de evitar mutilações da complexidade regional, cultural e político-histórica do continente. Através do CEA e seus pesquisadores, a temática africana começou a ser discutida nas reuniões científicas (seminários, congressos, simpósios, etc.) nacionais de todas as áreas de conhecimento, principalmente das áreas de humanidade do país inteiro.

Em janeiro de 1978 foi criada **África**: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP que, como todas as revistas científicas, iria oferecer aos pesquisadores não apenas da Universidade de São Paulo, mas também de todas as universidades do mundo que desenvolvem pesquisas sobre a África, mais um espaço acadêmico para publicar e divulgar os resultados de suas pesquisas e seus estudos sobre o continente, tendo como objeto principal a troca e o intercâmbio de conhecimentos sobre o universo continental numa abordagem plural e interdisciplinar. A revista **África**, que completa 34 anos em janeiro de 2012, já produziu 30 números, apesar das dificuldades orçamentárias e entraves burocráticos que provocaram algumas interrupções em suas edições. Uma peculiaridade da Revista **África** reside em sua maleabilidade em publicar artigos nas línguas de pesquisa e expressão científicas em que são escritos: português e outras línguas de comunicação científica internacional como o francês, o inglês, o espanhol e as línguas africanas. Essa maleabilidade facilitou grande número de permutas com outras revistas congêneres de outros países, universidades e centros de estudos africanos.

Em 1979, o professor Fernando A. A. Mourão consegue junto à Editora Ática, a criação de uma coleção intitulada *Autores Africanos*, que foi colocada sob a sua direção a convite da própria Editora. O objetivo dessa coleção era publicar algumas obras-primas de literatura africana (romances, contos, poesia, etc.), consagradas e já publicadas em outras línguas (português, francês, inglês, etc.), que veiculavam outra visão das realidades africanas vistas do ponto de vista de uma literatura de denúncia e de combate ao colonialismo, dos conflitos e guerras de libertação contra o jugo colonial e também das

contradições entre a tradição africana e a modernidade ocidental no contexto da transição. Graças a essa coleção foram colocadas ao alcance não apenas dos estudiosos brasileiros das literaturas africanas, mas também dos amantes da literatura de modo geral, 27 das mais destacadas e representativas obras literárias do continente africano, que foram publicadas entre 1979 e 1991. De Angola foram publicadas as obras de: José Luandino Vieira: *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* (1979), *Luuanda* (1982), *Nós, Os Do Maçululu* (1991); Pepetela: *As Aventuras de Ngunga* (1980), *Mayombe* (1982); Yaka; Jofre Rocha: *Estórias de Musseque*; Boaventura Cardoso: *Disanga Dia Muenhu*; Uanhenga Xitu: “*Mestre*” *Tamoda e Kahitu*; Agostinho Neto: *Sagrada Esperança*; Arnaldo Santos: *Kinaxixe e Outras Prosas*. De Cabo Verde: Manuel Lopes: *Os Flagelados do Vento Leste*; Manuel Ferreira: *Hora Di Bai*; Teixeira de Sousa: *Ilhéu de Contenda*; Baltasar Lopes: *Chiquinho*. De Moçambique: Luís Bernardo Honwana: *Nós matamos O Cão-Tinhoso*; Orlando Mendes: *Portagem*; Lina Magaia: *Dumba Nengue*. Do Zaire (atual República Democrática do Congo): Mudimbe V. Y.: *O Belo Imundo*. Da Somália: Nurudin Farah: *De Uma Costela Torta*. Da Costa do Marfim: Bernard B. Badié: *Climbié*. Do Senegal: Cheikh Hamidou Kane: *Aventura Ambígua*; Sembène Ousmane: *A Ordem de Pagamento e Djibril Tamsir Niane: Soundiata Ou Epopéia Mandinga*. Da Nigéria: Chinua Achebe: *O Mundo Se Despedaça* e Cyprian Ekwensi: *Gente da Cidade*. Da Tunísia: Chems Nadir: *O Astrolábio Do Mar*.

CONCLUINDO

O CEA foi uma proposta institucional da Universidade de São Paulo que foi idealizada e efetivada a partir da constatação de que havia uma constante ignorância e profundo desconhecimento das realidades do continente africano e de seus países no Brasil, um país que foi construído com a mão de obra escravizada africana e que recebeu muitos aportes africanos na formação de seu povo, de sua cultura e sua história; um país cujo discurso identitário, apesar das referências retóricas à África, tinha ainda sobre esse continente uma visão permeada pelas vicissitudes da historiografia colonial preconceituosa e racista. Um Centro de Estudos Africanos no Brasil, justamente na Universidade de São Paulo, que partindo de um olhar diferenciado e divorciado da epistemologia da ciência colonial ocidental ainda presente no imaginário

coletivo do brasileiro, auxiliaria a devolver aos brasileiros de modo geral e aos afrodescendentes em particular, a verdadeira e autêntica imagem da África, tratando-a com respeito e em condições de igualdade com o resto do mundo, numa postura universalista e não particularista: a África como unidade e também como pluralidade e diversidade.

O apoio institucional, formal e pessoal de algumas personalidades foi determinante na concretização da criação do CEA. São nomes que a história do CEA não poderá esquecer. Dentre eles: os professores Marotta Rangel, ex-coordenador da CODAC e professor da Faculdade de Direito; João Baptista Borges Pereira, ex-diretor da FFLCH da USP; Carlos Serrano (ex-diretor do CEA), Fábio Leite, Liana Sálvia Trindade, Dilma de Melo Silva, Francisco Valente, Margarida Petter (ex-vice-diretora do CEA), Benjamim Abdala Jr. (atual vice-diretor) e Tânia Macêdo (atual diretora do CEA) e Kabengele Munanga (ex-diretor do CEA). Destaque-se ainda os nomes dos senhores Orlando Bastos, diretor da divisão da CODAC, responsável pelo curso de língua portuguesa para alunos bolsistas estrangeiros e Cairbar de Macedo, responsável pela acomodação e adaptação dos alunos bolsistas na USP e na vida de São Paulo. Cairbar era chamado de “Papai Cairbar” pelos jovens bolsistas africanos. No sentido africano, a palavra “pai” não diz respeito apenas às relações biológicas de parentesco, mas também às relações sociais na aceção de quem cuida, educa e ajuda na sobrevivência; os saudosos reitores Miguel Real e Orlando Marques de Paiva; professores Eurípides de Paula e Ruy Galvão de Andrade Coelho, ex-diretores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH/USP; José Roberto da Fonseca, da Faculdade de Direito da USP e Dirceu Miguel de Mattos; da Faculdade de Economia, Fernando Monteiro Castro Soromenho, Paul Etamé Ewané, de Camarões, Eduardo de Oliveira e Oliveira e Darcy da Silva.

Mas faltou uma pessoa, ou melhor, uma personalidade, a mais importante de todas na história do CEA, a quem dedicamos este texto. Sem sua determinação, o Centro não teria existido e eu pessoalmente não estaria neste momento na posição em que me encontro para contar essa história. Esta pessoa se chama Fernando Augusto Albuquerque Mourão. Ele foi o homem que, sem medir esforços encarnou o CEA em todos os momentos de sucesso e insucesso, de dificuldades e de vitórias, fora e dentro do país. No plano externo, ele foi o único professor brasileiro que se viu perambulando pelas várias universidades africanas, proferindo conferências sobre a presença africana no Brasil e con-

vencendo jovens africanos das universidades por ele visitadas de que era viável fazer estudos de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) na Universidade de São Paulo. Muitos desses jovens, entre os quais me incluo, tinham ainda uma visão estereotipada do Brasil, na época conhecido fora de suas fronteiras quase que somente como o país do futebol e do “rei” Pelé e do Carnaval do Rio de Janeiro retratado no filme “Orfeu negro” de Cacá Diegues. Nossos sonhos eram fazer nossos estudos de Pós-Graduação nas antigas metrópoles colonizadoras ou nos países do chamado primeiro mundo. Mas graças aos contatos com o professor Fernando Mourão no território africano, topamos a aventura, apesar de nossas cabeças na época ainda “colonizadas”, de conhecer as universidades brasileiras. Assim se formaram dezenas de jovens africanos, mestres e doutores de vários países que voltaram para suas terras onde ocuparam postos de responsabilidade. Os poucos que por questões políticas aqui se radicaram ou foram para o Ocidente, se integraram nas melhores universidades dos países que os receberam. Viu-se Fernando Mourão nos grandes encontros científicos realizados nos países africanos de todas as línguas, numa época em que era raro encontrar um intelectual brasileiro no continente. Foi assim que ele foi convidado pela UNESCO para integrar o Comitê Científico Internacional da História Geral da África a partir da indicação de intelectuais africanos, entre eles o eminente cientista senegalês Cheikh Anta Diop, diretor do Instituto Fundamental da África Negra – IFAN. Através de seus contatos, o CEA recebeu inúmeros professores visitantes especialistas em África, notadamente os professores Georges Balandier (Sorbonne); Alf Schwarz (Universidade Laval, Canadá); Luís Beltrán (Universidade de Alcalá de Hanares; Espanha); Lanciné Sylla (da Universidade de Abidjan, Costa do Marfim); Alfredo Margarido e Emilio Bonviini (CNRS, Paris, França), sem deixar de mencionar numerosos convênios de cooperação científico-cultural com diversas universidades da África. No plano interno, graças a sua iniciativa pioneira, os convênios de cooperação universitária entre o Brasil e os países africanos através do Ministério das Relações Exteriores muito se intensificaram nos últimos dez anos, propiciando a vinda ao Brasil dos estudantes africanos de todos os níveis de formação universitária pelos programas PEC-G e PEC-PG. Nos anos 70, todos os bolsistas africanos na USP vieram por intermédio dos convênios que o professor Mourão, através da CODAC e do Itamaraty, ajudou a implementar. Éramos bolsistas da USP quando éramos bem comportados e tornávamos bolsistas do professor Mourão quando aprontávamos. Em outros termos, os

méritos pertenciam à Instituição e os defeitos eram todos atribuídos ao “pai” do projeto. As dificuldades orçamentárias e às vezes burocráticas inúmeras vezes ameaçaram o bom funcionamento desse projeto, no entanto a maioria deles foi solucionada e superada graças à habilidade, humildade intelectual, relações pessoais e diplomáticas do professor Fernando Mourão. Cremos que ele deve ter tido muitas contrariedades, mas por ter colocado o CEA à frente e deixado de lado a vaidade e ambição pessoal, ele conseguiu fortalecer o CEA no âmbito da USP e no concerto dos centros e instituições de estudos africanos no Brasil todo. Pergunte para qualquer diplomata da velha guarda do Itamaraty quem é o professor Fernando Mourão para entender porque ele foi de fato o embaixador cultural do Brasil na África, antes da intensificação das relações diplomáticas entre o Brasil e os países africanos. Chegando à sua aposentadoria há cerca de dez anos, ele se afastou formalmente do CEA, mas continua a dar sua colaboração e assessoria aos que na esteira de sua ação o sucederam na diretoria e vice-diretoria: os professores Carlos Serrano e Kabengele Munanga (biênios 2002-2004 e 2004-2006); Kabengele Munanga e Margarida Petter (biênio 2007-2009); Kabengele Munanga e Carlos Serrano (biênio 2009-2011) e Tânia Macedo e Benjamim Abdala Jr. (biênio 2011/2013), dando continuidade ao legado intelectual que ele deixou para a presente e futuras gerações “uspianas” que se interessem e continuarão a se interessar pela África. Esta África mais presente no Brasil do que em outros países da diáspora africana.

Através dessas linhas meândricas, se podem descobrir o sentido profundo da homenagem que, embora tardia, prestamos nesses “**Mélanges**” ao mestre, amigo, idealizador, incentivador, fundador e servidor do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo, professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão.

São Paulo, Brasil, Outubro de 2011.